

Alice Fergo

Quando Junto às Horas se Ilumina Um Rio

Posfácio de Victor Oliveira Mateus

Labirinto

A interrogação é na poesia de Alice Fergo o sinal mais profundo da grande busca de uma autora que entre a nascente e o sol, entre o real e o incorpóreo realiza uma reflexão que no dizer poético se mantém “fiel à sede”, ou seja, organiza essa procura ao ponto de o próprio texto afirmar-se “ávido da nascente”, sendo o rio e as horas metáforas ímpares do ser em constante demanda. Assim o revela o seu novo livro *Quando Junto às Horas se Ilumina Um Rio* (59 poemas) com excelente posfácio de Victor Oliveira Mateus realçando o modo exímio como Alice Fergo trabalha o “código linguístico”, a intensificação do fonema e a expressão dos contrários (figuras de estilo inteligentemente articuladas, conjugando o sentido estético, o significante e o enigma).

Poeta atenta ao jogo das palavras, a todas as possibilidades da linguagem, Alice começa nesta obra por interrogar: “A que fonética um coração responde? Em que sílaba de um / vocábulo se espera alguém? / Que imperceptível ponto fecha / o arco das maçãs no jardim das Hespérides? (...)”. E conclui na página final: “Sol. Corpo sideral em cima da mesa, a que vens?”. Note-se como o processo interrogativo nomeia um eu imerso em “nevoeiros”, desencantado (“O que poderá o futuro contra este exílio se o amor ainda nos for / estranho?”), crente em que “Já tudo foi vivido pelos salteadores.”, mas não se demitindo de indagar até que outro instante surja e a “dúvida” consiga reencontrar “linhas imaginárias”. O “corpo sideral” interrogado, mesmo escutando-se a respiração doída do verso, é uma

tentativa de suspender as sombras e não abandonar a "(...) Viagem pelos frutos dentro (...)".

Alice Fergo sabe que as palavras são "(...) Verdadeiros organismos com sede." E quando interrogam celebram a essência dos mortais.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*